

A CULTURA NUMA PERSPECTIVA DA REALIDADE PERIFÉRICA: EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Ana Gabriele Santos Coelho ¹
Laudilene Barboza Silva ²

RESUMO

A Residência pedagógica de Sociologia pela UEPB na escola Ademar Veloso da Silveira no ano de 2022/2023 trouxe uma reflexão sobre a cultura afro-brasileira na sala de aula. Esse resumo tem como objetivo descrever a experiência de se enxergar e trabalhar raça em sala de aula, que sempre foi lei, mas quase nunca vira pauta na prática. Em contrapartida, o que está nos nossos olhares dentro de escolas públicas em bairros periféricos é uma dimensão de comportamentos voltados para o que chamamos de cultura afro-brasileira, isso só não é discutido com frequência. A experiência no Ademar foi de vivenciar linguagens e comportamentos próprios de uma realidade periférica, os alunos levam para a escola ensinamentos de casa e da rua, ensinamentos esses rodeados de elementos sociais muito debatidos dentro da Sociologia, como o modo de falar que tem uma característica repassada de geração para geração. A maioria dos alunos da escola tinham uma linguagem semelhante com gírias para se cumprimentar, conversar, paquerar e estudar. Assim também como suas vestimentas diziam muito sobre eles, a famosa moda periférica, que é a moda negra de resistência e que traz uma autoestima baseada em tênis grandes, casacos de times, assessórios como argolas e riscos nas sobancelhas. Tudo isso foram linguagens de comportamento encontradas nos alunos da escola, linguagens que diziam quem eles são fora dela. Diante dessas percepções, foi de inteira responsabilidade usar do papel da residência como intensificador de identidades, visto que, a Sociologia estuda a cultura como forma de criação de identidade também. Assim, todas as atividades propostas da residência para com a escola Ademar Veloso, passaram antes por um olhar sensível de saber como usar da cultura deles, a

¹ Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade da Paraíba. Professora de Sociologia da Educação Básica do Estado da Paraíba. Preceptora da Residência Pedagógica em Sociologia na UEPB. Mulher, parda, de Campina Grande – PB. E-mail: laudilenebg@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, residente da Residência Pedagógica e bolsista CAPES. Mulher cisgênero, preta, de Campina Grande - PB. E-mail: ana.gabriele@aluno.uepb.edu.br.

cultura afro brasileira, como mecanismo de interação entre residente e aluno. Para isso, foi usado como metodologia a ajuda de recursos práticos como no dia da mulher que houve uma oficina de estamparia, onde os alunos pintaram com as próprias mãos suas camisas com desenhos e frases sobre a liberdade da mulher. Uma das propostas de estampa foi Marielle Franco representando mulheres negras, que muitas vezes são as que estão dentro das casas dos alunos, suas próprias mães. Além das aulas mais teóricas que foi usado como mecanismo didático slides com exemplos de problemáticas atuais que fazem parte de suas realidades de alguma forma, como o aborto e a criminalidade. Sabemos que alunos de escolas públicas em bairros periféricos são em sua maioria pretos e pobres, isso os torna mais vulneráveis as armadilhas e injustiças da vida. Então, tratá-los como se não soubessem que é essa a realidade que os rodeiam ou como se isso não existisse, não é interessante. Em Casa Grande e Senzala do Gilberto Freire, é abordado a formação do Brasil e como essa estrutura social foi criada em cima do mito da democracia racial. Essa “democracia” deve ser trabalhada com eles em sala de aula, as experiências que eles vivem fazem diferença a partir do momento que compreendem o lugar social deles e de suas famílias. Isso os torna mais críticos e os faz enxergar um mundo de possibilidades, um mundo que é negado para eles todos os dias. Uma das formas de criar laços com eles, laços afetivos de residente e aluno, foi demonstrar que a vida deles não é distante da nossa e que quem eles são não precisa ser vergonhoso, só precisa ser compreendido para que erros tentem ser evitados. Usar referências de músicas e atividades como grafite e pichação foram formas de se aproximar, fazê-los entenderem de alguma forma que grafite e pichação é arte e denuncia, é fazê-los compreenderem a dimensão que eles são e o que eles ocupam na sociedade enquanto indivíduos. Foi indicado para leitura o livro Quarto de Despejo, da Carolina Maria de Jesus, para que seja válido a não normalização e romantização de situações de exploração e pobreza que a classe dominante quer que esses jovens estejam sempre inseridos. Ler Carolina é perceber como as realidades se cruzam, mesmo em espaços de tempos diferentes, mas que podemos fazer com que a história não se repita. E foi isso que os alunos do Ademar mostraram nesse curto espaço de tempo de residência lá, que eles são indivíduos que podem ganhar o mundo passando por cima de todas as amarras sociais que os rodeiam, basta eles entenderem que têm esse poder. Um exemplo disso é quando foi levado para a sala de aula a problemática do encarceramento em massa no conteúdo de normal ou patológico do Durkheim e exploração do trabalho em empresas de Campina Grande no conteúdo de Marx, eles sabiam debater tudo isso, com as linguagens deles, que muitas vezes é ignorada ou silenciada por não se encaixar em um padrão, mas não deixa de ser uma linguagem válida. É enriquecedor saber que quando se traz uma polêmica



8º ENASEB

para a sala de aula, eles debatem muito. Todos os conteúdos teóricos deveriam ser ensinados assim, trabalhando em cima de exemplos sociais que prendam a atenção por serem elementos da vivência deles. Um dos objetivos sendo residente dessa escola foi deixar um pouco de que eles são seres criativos e encorajadores, isso basta para que não mudem quem são para se encaixar em um modelo de sociedade que serve para agradar as classes dominantes. Não é cedo para que alunos do ensino médio em bairros periféricos saibam quem são os “vilões” da história. A história deve ser contada da forma certa para que erros não se repitam e nem se normalizem, pois, consciência de classe e organização mira a transformação. Durante muito tempo a cultura negra foi perseguida, e esses alunos também são, só não sabem as vezes. E para bater de frente com isso, temos hoje com mais atuação nas escolas projetos, atividades e programas como o da residência em Sociologia para fazer um pouco da ponte entre o que aprendemos no ensino superior e que é básico para eles, alunos do ensino médio, saberem. O resultado dessas perspectivas sensíveis foi afetos, alguns rápidos e outro demorados, mas afetos confortáveis direcionados para quem teve a sensibilidade de entendê-los um pouco além dos estereótipos. Por isso, levar um pouco dos ensinamentos da cultura afro brasileira para a sala de aula, é colocar em pauta a história deles mesmo, para que isso fixe na mente de todos, assim como histórias e comportamentos que não são deles foram fixados. O Ademar abriu espaço para a residência e com ela foi levado um pouco dessa luta. A educação tem um compromisso representativo com a formação dos novos cidadãos para a sociedade, faz parte dela incluir debates sociais e raciais, e um dos melhores lugares para se trabalhar isso, é dentro da sala de aula. Toda forma de expressão política e cultural, que não vá ferir os direitos humanos, devem ser aceitas para que assim seja entendido o que os sujeitos daquele lugar querem nos dizer, seja com roupas, gestos ou até mesmo silêncios. Educação libertadora é procurar compreender os alunos além do que a sociedade predestina para eles. Deve-se ter um olhar mais atento ao que foge da nossa previsão do que encontramos nos ambientes educacionais, pois podemos estar perdendo uma parte fundamental que os alunos trazem de suas realidades, uma parte que cabe a eles expressar de uma forma que normalmente ninguém irá se importar, a não ser que seja usando como punição. Essa foi uma das maiores observações para com os alunos, eles se expressam a partir de quem eles são e isso fica nítido dentro da sala de aula. Boa parte da cultura que eles carregam é a cultura negra e periférica, seu comportamento para com o processo de aprendizagem dos conteúdos fica mais fácil a partir do momento que essa cultura é inserida nas explicações, isso torna a aprendizagem menos cansativa e mais instigante. Isso foi uma das formas metodológicas de tentar ter a atenção deles e funcionou algumas vezes, isso é satisfatório. A residência se tornou um



8º ENASEB

espaço de aprendizagem além da sala de aula, as análises sociológicas foram facilmente compreendidas em gestos nos intervalos, falas nos corredores e olhares. A cultura como fator de identidade é hoje em dia muito mais escancarada porque já foi muito escondida, há anos foi excluída da maioria dos espaços. Por isso que é tão mais fácil ver que atualmente as relações de identidade são muito exploradas, e o lugar mais explorado é a escola, é o espaço que eles mais trocam experiências. Basta essas identidades serem vistas como formas culturais de comportamentos e linguagens. E essa perspectiva sobre os alunos do Ademar se deu pela bagagem que a Sociologia já traz e isso virou prática na residência, estar na escola não só para ensinar o conteúdo teórico, mas também para criar experiências que virem práticas e que se repassem cada vez mais.

REFERÊNCIAS

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2000.

